

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A PANDEMIA EM *LUPA DA ALMA: QUARENTENA-REVELAÇÃO*

Psychoanalytical reflections on the pandemic in *Lupa da Alma: Quarentena-Revelação*

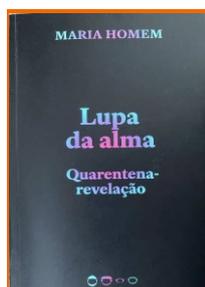
Stamberg José da Silva Júnior

Doutorando no Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências Humanas
Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, Brasil

E-mail: stambergjunior@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8680-6501> 

A lista completa com informações do autor está no final do texto ●



HOMEM, Maria. **Lupa da alma**: quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020. 80 páginas.

PALAVRAS-CHAVE: Coronavírus. Psicanálise. Quarentena.

KEYWORDS: Coronavirus. Psychoanalysis. Quarantine.

Eis o fim de 2019 e o começo de 2020. A hospedagem de um vírus numa partícula de replicação genética alastrada pelo mundo abriu a caixa de Pandora e desvelou a conexão súbita que existe entre nós, nossas vulnerabilidades e a morte. A pandemia do sars-cov-2 nos colocou face a face ante à indefensabilidade e ausência de controle humano ao processo de criação e destruição ontológico à natureza. E isso traz mais angústia, mais sofrimento – o que pode nos deixar menos alienados e menos covardemente ocultos dos paredões de anestesia que criamos para sobreviver. A quarentena é uma porta de oportunidades para olharmos, inclusive, para a nossa “carentena”, como argumenta Maria Homem no livro *Lupa da Alma: quarentena-revelação*.

O termo, claramente ligado à ideia de carência, reflete o confronto com a falta e a incompletude que nos constitui. Em meio a *slowdowns* e *lockdowns*, em meio ao confinamento com aqueles com os quais partilhamos a vida, a nossa insuficiência inconsciente e desamparada clama: Quem sou eu? Como estou gastando o limitado tempo que tenho nesse recurso finito que é a vida? Como é que eu quero seguir? Qual o meu desejo? O que faz sentido para mim? Encaminhar o desejo é uma das maçanetas da porta de oportunidades que a psicanalista aponta para nos tornamos mais conscientes de nós mesmos.

Mas essa não é a única avaliação que Maria Homem nos revela sobre a pandemia em seu livro publicado pela Editora Todavia em 2020. Psicanalista, professora na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e pesquisadora do Núcleo Diversitas ligado à FFLCH-USP, Maria Homem é reconhecida nacionalmente pelo seu trabalho de análise da *psique*, mas também no universo acadêmico e na publicação de livros que abordam o campo de investigação a que se dedica. No *Lupa da Alma*, Maria Homem dissecou a pandemia no olho do furacão: fala sobre o contexto em que vivemos no momento em que ele mesmo se faz. É um desafio instigante para qualquer pesquisador.

O ano de 2020 parece ter agudizado as emoções que já estavam à flor da pele. “Agudizar seria o verbo desses tempos?”, questiona a professora na introdução da obra supracitada. Em meio ao caos, a sensação invasiva da precariedade atravessou a alma contemporânea e, como uma lupa, desvelou a nossa fragilidade tanto como sujeito individual quanto como sujeito coletivo ante à mais radical contingência. Nossos corpos, psiques, trabalhos, emoções, razões e relações parecem ter sido postos em suspenso, impelindo-nos a encarar de frente o desarranjo econômico, as desigualdades sociais acentuadas, a crise política, o aumento da violência doméstica, as inúmeras mortes, a mente em desorientação.

Ao que chama de “maior laboratório subjetivo da história humana”, devido à magnitude e simultaneidade da experiência ao redor do globo, a autora busca refletir sobre as várias camadas que se revelam nos tempos de exceção que vivemos. Em sete capítulos, a professora tece o amálgama complexo que constitui as mais diversas esferas da vida, passando pelo Eu, o Outro, Amor, Ódio, Família, Filiação, Trabalho, Laço Social, Coletivo, Planeta, Luto e Morte. A cadeia de interdependência entre esses processos e sentidos tornam-se mais visíveis na pandemia, segundo a autora, nos deixando ver “o que estava oculto ou que tentava se expressar, mas empurrávamos novamente para debaixo do tapete do recalque”.

Começando pelo Eu, seus conflitos e insights, a professora sugere, no primeiro capítulo, que ao perigo no ar, ao enigmático, ao desconhecido e ao não encaixável nas categorias de análise, controle e prevenção que havíamos construído, respondemos com o medo. Diante do mistério e da ausência de saber, o desamparo nos olha no fundo do olho: “um vírus, ao mesmo tempo desconhecido e potencialmente letal, pode te colocar de volta nesse lugar”. Assim, a autora mostra que pesquisas indicaram o aumento exponencial de ansiedades nesses tempos: o sofrimento psíquico parece se equivaler ou até ultrapassar o sofrimento causado pelo vírus propriamente dito. Insônia, pílulas, aumento no consumo de bebida alcóolica e drogas, tédio, depressão, angústia, solidão, barulho nas redes sociais e violência para consigo e com o outro são sintomas acentuados nesse momento. Para a psicanalista, essa experiência de atravessamento é potencialmente construtora de um ponto de virada no olhar para dentro de si.

No segundo capítulo, intitulado “O círculo da intimidade: amor x desamor”, Maria Homem mostra como a quarentena nos obriga a enxergar melhor com quem estávamos construindo nosso dia a dia. A autora fala sobre o entrelaçamento entre amor e política, admitindo estratégias de negociação, acordos e sabotagens que há na hiperconvivência com o outro, levando, inclusive, ao aumento da potência destrutiva dos impulsos no interior dos lares. Homem argumenta, ainda, que mesmo aqueles que vivem *singles* puderam evidenciar esse amálgama na conexão consigo mesmo. A psicanalista argumenta que a lupa emanada pela pandemia ilumina os pactos subterrâneos e as camadas de não-ditos que permeiam qualquer relação humana.

Os fios verticais com os quais nos sustentamos no mundo também são alvo da análise que Maria Homem apresenta. No capítulo em que disserta sobre como fica a linha da filiação no contexto epidêmico, a autora nos leva a questionar em pontos nevrálgicos como o conflito com a alteridade familiar e as disputas, competições e, eventualmente,

cooperações oriundas dos laços consanguíneos. A perda de parentes e o receio da morte, para a professora, pode nos levar a uma religação com os seres dos quais precisamos e que nos gestaram ou que gestamos a vida.

Como ficam o ensino, o trabalho e o amigo em época de quarentena? No que chama de modo zoom de viver, Maria Homem nos revela os entrelaços dos encontros (ou pseudoencontros) possíveis no ambiente profissional, acadêmico ou relacional numa atmosfera em que a diretiva passa a ser o isolamento social. A psicanalista chega a uma conclusão: “nesta pandemia, todos trabalhamos muito mais”. Para a autora, a divisão entre público e privado parece cessar ao passo que há a liquefação das barreiras da individualidade. O tempo e o espaço, as distâncias e os territórios se reorganizam no modo zoom de “fazer o fazer sem cessar”.

No quinto capítulo, intitulado “Vida online”, Maria Homem nos mostra as transformações nas relações e em grande parte da vida que passa a ser online. Segundo a autora, o mundo que chega pelas telas tende a diminuir custos dentro das cadeias produtivas da vida real que levávamos até então. O que a lógica online nos ensina é que esse passa a ser um “sistema mental e subjetivo que moldará nossa forma de sentir, pensar e se relacionar”. Assim, as calls, meetings, social media, plataformas, apps e sites passam a ampliar a experiência humana nos processos virtuais, mesmo que seja por meio de avatares. A autora questiona: “Será que no fundo tudo o que desejamos seria escapar de todos os compromissos reais, os corpos reais, os trânsitos reais e as viagens reais?”. Talvez o vírus venha nos fazer descobrir o quanto estamos fugindo do excesso de contatos e conexões tanto reais quanto virtuais com os quais nos havíamos amarrados.

Ao passo que há uma certa disrupção nas conexões reais, a pandemia também nos mostrou o quanto estamos conectados. Em “Coletivo conectado: navegando no mesmo mar”, a psicanalista nos incita, no capítulo 6, a refletir sobre como estamos interligados: a circulação de pessoas, bens, serviços e capital, além do trânsito de vírus, bactérias, fungos, plantas e animais nos mostra que as cadeias de hiperconexão esfacela as bolhas no processo de globalização. Talvez a pandemia nos faça pensar o quão as migrações e fluxos extrapolam os níveis locais, ampliando horizontes e fazendo-nos perceber que o trágico afeta em diversos aspectos a tudo e a todos. “Esse talvez seja um dos maiores desafios de nosso tempo: construir uma base de confiança mútua que nos transcenda individual e nacionalmente sem, no entanto, precisar de bases transcendentais”, argumenta a autora.

Por esse viés, Maria argumenta, no entanto, que esse processo é contraposto aos ideais ligados a grupos e comunidades tradicionais, espirituais, hierárquicos e patriarcais

que acreditam na decadência e dissolução do humano com o andar da carruagem da modernidade. “Estado laico? Não. Estado Democrático de Direito? Não. Feminismo? De forma alguma. Racismo? Sim. Xenofobia? Sim. Liberdades individuais e direitos civis? Obviamente não.” Para a autora, esses discursos carregam semânticas negacionistas e buscam contemplar a dupla face de uma idealização nostálgica e de um presente envolto na angústia da precarização e instabilidade. “Se a terra mostra uma alta capacidade de se regenerar, será que nossas mentes acompanhariam esse movimento?”, questiona Homem.

No capítulo que fecha o livro, a psicanalista Maria Homem aborda o luto e a morte. Para a pesquisadora, a consciência da finitude e do não sentido a priori do próprio fato de ter vindo à vida nos faz criar recursos psíquicos para manter a morte como um recalque inerente à própria cultura. No entanto, os impactos causados pela pandemia para além dos sintomas do corpo, nos mostram a ampla teia difusa de sentidos que tecemos para escapar da angústia e da melancolia que nos faz perceber que o planeta sobre o qual nascemos é somente um tanto de pedra e gás.

Elaborar o peso dessa verdade, sobretudo na pandemia – em que a morte está no ar que respiramos – é o trabalho do luto, que envolve partilha e sociabilidade. O maior desafio é poder realizá-lo. Para Maria Homem, fazê-lo passa pela elaboração, pelo “pegar um pouco daquilo que se foi e fazê-lo nosso”. Aqui, voltamos novamente ao lugar da falta: o de ter a coragem de enfrentar a perda e de se deixar ficar num lugar de incompletude. Esse é o convite que nos leva a prosseguir com os mortos que carregamos.

REFERÊNCIAS

HOMEM, Maria. **Lupa da alma**: quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020. 80 páginas.

NOTAS

Stamberg José da Silva Júnior

Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Doutorado - Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC), Florianópolis, Brasil

E-mail: stambergjunior@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8680-6501>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Rio Iitororó, 310, Ippsep – Recife – Pernambuco. CEP: 51190010

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: S.J. Silva Júnior



CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International**. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no **Portal de Periódicos UFSC**. As ideias expressadas neste texto são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

HISTÓRICO:

Recebido em: 13-05-2022 – Aprovado em: 29-05-2022 – Publicado em: 03-06-2022

